

I. O Problema

1. Confissão e Estratificação Social

As estatísticas profissionais dum país confessionalmente misto mostram com uma frequência² significativa um fenómeno que tem sido por diversas vezes discutido vivamente tanto na imprensa e literatura católicas³, como nos congressos católicos da Alemanha: os capitalistas e os empresários, assim como as camadas superiores da força de trabalho qualificada, nomeadamente os quadros superiores com formação técnica ou comercial das modernas empresas tendem a ser predominantemente *protestantes*⁴. Este fenómeno encontra-se refletido nos números das estatísticas confessionais, não só onde a diferença religiosa coincide com uma diferença de nacionalidade e, portanto, do grau de desenvolvimento cultural, como acontece na Alemanha oriental entre Alemães e Polacos, mas também quase sempre onde quer que o desenvolvimento capitalista, na época da sua grande expansão, teve as mãos livres para modificar a estratificação social e determinar a estrutura profissional da população segundo as suas necessidades. E quanto maior foi a liberdade de que usufruiu o capitalismo, tanto mais evidente isso foi. Ora, esta relativamente maior participação de protestantes (muito superior à percentagem de protestantes na população global) na posse do capital⁵, na direção e nos postos de trabalho superiores das grandes e modernas empresas industriais e comerciais⁶ deve na verdade ser atribuída em parte a causas históricas⁷, que remontam longe no tempo e em

que a adesão confessional surge não como *causa* de fenómenos económicos, mas, até certo ponto, como *consequência* deles. A participação nessas funções económicas pressupõe a posse de capital ou uma educação cara, e habitualmente ambas, estando por isso ligada à riqueza herdada ou pelo menos a um certo desafogo. Um grande número das regiões do Império mais ricas e mais favorecidas pela natureza ou pela sua situação nas rotas comerciais e mais desenvolvidas economicamente, e em especial a maior parte das *cidades* ricas, converteu-se ao protestantismo no século XVI, sendo ainda hoje visíveis os benefícios que daí advieram aos protestantes na luta económica pela vida. Donde surge, então, a pergunta histórica: a que se deve esta predisposição particularmente forte das regiões economicamente mais desenvolvidas para uma revolução na Igreja? A resposta não é tão simples como se poderia supor à primeira vista. Sem dúvida, o abandono do tradicionalismo económico surge como um momento excepcionalmente favorável à tendência para a contestação das tradições religiosas e a rebelião contra as autoridades tradicionais. Mas aqui dever-se-á ter em conta algo que hoje frequentemente se esquece: o facto de a Reforma ter significado não tanto a *supressão* da autoridade da Igreja sobre a vida como, sobretudo, a substituição da forma de autoridade até aí existente por *outra* diferente. A substituição, de facto, dum autoridade extremamente adaptada, praticamente impercetível e com frequência quase apenas formal, por uma regulamentação pesada e severa da vida [*Lebensführung*] que impregnava todas as esferas da vida doméstica e pública numa medida quase inimaginável. O poder da Igreja Católica — “que castiga os hereges, mas é branda com os pecadores”, princípio aplicado então ainda mais fortemente do que hoje — suportam-no atualmente povos de fisionomia económica absolutamente moderna, tal como acontecia com as regiões mais ricas e economicamente mais desenvolvidas que a Terra conhecia no dealbar do século XV. O poder do calvinismo, tal como vigorava no século XVI em Genebra e na Escócia, entre os séculos XVI e XVII em grande parte dos Países Baixos, no século XVIII na Nova Inglaterra e, episodicamente, na própria Inglaterra, seria para nós a forma mais insuportável de controlo eclesiástico sobre o indivíduo. Vastas camadas do patriciado antigo, tanto em Genebra como na Holanda, e na In-

glaterra, sentiram-no exatamente assim. O que os reformadores que apareceram nos países mais desenvolvidos economicamente encontravam para criticar não era que o controlo eclesiástico-religioso da vida fosse demasiado, mas que era demasiado pouco. Como se explica então que tenham sido precisamente estes países economicamente mais desenvolvidos e dentro deles, como veremos, as classes médias “burguesas” economicamente em ascensão que não só toleraram essa tirania puritana como a defenderam com um heroísmo que as classes *burguesas como tal* raramente mostraram antes e nunca vieram a mostrar depois — com o que Carlyle, não sem razão, chama “*the last of our heroisms*”?

Mas prosseguindo: se, como dissemos, a participação mais forte dos protestantes na posse do capital e nos lugares de chefia na economia moderna dos nossos dias pode ser compreendida, em parte, como simples consequência da situação patrimonial superior à média que historicamente lhes foi transmitida, manifestam-se, por outro lado, fenómenos em que esta relação de causalidade *não é* tão clara. Entre estes contam-se, para apontar apenas alguns, os seguintes: em primeiro lugar, diferença, genericamente falando, não só em Baden como na Baviera e, por exemplo, na Hungria, no *tipo* de ensino mais elevado que os pais católicos, em comparação com os protestantes, costumam proporcionar aos filhos. O facto de a percentagem de católicos entre os alunos e finalistas dos estabelecimentos de ensino secundário ficar consideravelmente aquém da proporção dos católicos na população geral⁸ deve ser atribuído em grande medida às referidas diferenças na riqueza herdada. Todavia, *entre* os católicos que concluem o ensino secundário, a percentagem dos educados nas modernas instituições que preparam para os estudos técnicos e as profissões industriais e comerciais — em suma, para uma vida com uma atividade burguesa —, como os “Realgymnasien”, as “Realschulen”, as “Höhere Bürgerschulen”, etc., fica de novo *muito* aquém da dos protestantes⁹, preferindo aqueles a via das instituições de estudos humanísticos. Trata-se dum fenómeno que não é explicado pelas diferenças na riqueza herdada. No entanto, pode ajudar a explicar a reduzida participação dos católicos na atividade capitalista. Ainda mais significativa é a observação que ajuda a compreender a diminuta proporção de católicos na *mão de obra*

qualificada da grande indústria moderna. O facto conhecido de que as fábricas vão buscar em grande parte os seus operários qualificados às gerações de jovens artífices, deixando assim a formação prévia dos seus operários aos próprios ofícios e só os recrutando uma vez concluída essa formação é muito mais visível entre os artesãos protestantes do que entre os católicos. Por outras palavras, entre os artesãos, os católicos mostram uma tendência mais acentuada para permanecerem na oficina, tornando-se assim com maior frequência *mestres artesãos*, ao passo que os protestantes se dirigem mais para a fábrica, onde ocupam os escalões superiores da mão de obra qualificada e da administração¹⁰. Nestes casos, a escolha da profissão e a subsequente carreira profissional foram indubitavelmente determinadas pelas *distintas características mentais* que lhes foram inculcadas pela educação, incluindo-se aqui a influência que neles teve a atmosfera religiosa familiar e local.

A reduzida participação dos católicos na vida económica moderna na Alemanha é tanto mais significativa quanto contraria a tendência¹¹, no passado e no presente, de as minorias nacionais ou religiosas que se encontram na situação de “dominadas” em relação a um grupo “dominante” serem, em geral, fortemente atraídas pela atividade económica *em virtude* da sua exclusão voluntária ou involuntária dos lugares politicamente influentes, e os seus membros mais dotados procurarem satisfazer desse modo uma ambição que não pode realizar-se no serviço do Estado. Isto, inegavelmente, verificou-se com o indubitável progresso económico dos Polacos na Rússia e na Prússia Oriental — em contraste com a situação na Galícia, onde têm influência política —, tal como anteriormente com os huguenotes na França de Luís XIV, com os não conformistas e os quacres em Inglaterra e — “last but not least” — com os judeus há dois milénios. Mas com os católicos na Alemanha nada vemos de semelhante ou, pelo menos, que seja evidente; e também no passado, ao contrário dos protestantes, eles não acusaram qualquer desenvolvimento económico significativo nem na Holanda nem em Inglaterra nos tempos em que foram perseguidos ou apenas tolerados. Pelo contrário, dá-se o facto de os protestantes (principalmente certas confissões dentro deles, que virão a ser tratadas mais tarde), *quer* como camada dominante, *quer* como dominada, *quer* como maioria, *quer*

como minoria, terem mostrado uma inclinação específica para o racionalismo económico, o que não pôde nem pode ser observado entre os católicos numa nem na outra situação¹². A explicação desta diferença de atitude deve pois ser procurada principalmente nos traços de carácter intrínsecos e permanentes das duas confissões e *não* apenas nas respetivas situações histórico-políticas, temporárias e exteriores¹³.

Seria importante, por conseguinte, começar por investigar quais são ou foram os elementos das características internas das confissões que agiram e em parte ainda agem no sentido anteriormente referido. Considerando-o a partir dum ponto de vista moderno e bastante superficial, poder-se-ia tentar formular o contraste dizendo que o maior “alheamento do mundo” do catolicismo, os traços ascéticos que testemunham os seus mais altos ideais levaram os seus seguidores a uma maior indiferença relativamente aos bens deste mundo. Na verdade, esta explicação corresponde ao juízo que hoje é geralmente feito sobre ambas as confissões. Do lado protestante é utilizado para criticar aqueles ideais ascéticos (reais ou alegados) da maneira de viver católica, enquanto do lado católico respondem com a acusação de “materialismo”, que seria a consequência da secularização de todos os aspetos da vida por parte do protestantismo. Assim, um escritor moderno formulou o contraste das atitudes de ambas as confissões relativamente à vida económica do seguinte modo: “O católico... é mais tranquilo; dotado duma menor ambição para o ganho, dá mais importância a uma vida tanto quanto possível segura, embora com menores rendimentos, do que a uma vida arriscada, agitada, embora eventualmente propiciadora de honras e riqueza. Como diz o povo: ou se come bem, ou se dorme bem. No caso presente, o protestante prefere comer bem, enquanto o católico prefere dormir descansado”.¹⁴ Com efeito, o “querer comer bem” pode descrever, de forma correta ainda que incompleta, a motivação daqueles protestantes que são indiferentes à religião na Alemanha no presente. Todavia, no passado, as coisas eram muito diferentes: é sabido que, para os puritanos ingleses, holandeses e americanos, o que os caracterizava era serem precisamente o oposto da “alegria de viver”, sendo este, como veremos, um dos seus traços caracteriológicos para nós mais importantes. Mas o protestantismo francês, por exemplo, conservou tam-